

# VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 48 – dez. / 2023

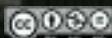
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## AS ILUSTRES E INVISÍVEIS PARTEIRAS DE JESUS

*Me. Edmar dos Santos Pedrosa*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# AS ILUSTRES E INVISÍVEIS PARTEIRAS DE JESUS

THE ILLUSTRIOUS AND INVISIBLE MIDWIVES OF JESUS

*Me. Edmar dos Santos Pedrosa<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

## RESUMO

Partejar ou melhor dizendo, auxiliar uma parturiente a dar à luz um filho, é um ofício tão antigo quanto a história da humanidade. Realizado há milênios, a profissão das parteiras é uma atividade notadamente feminina e ajudou a nascer a maioria das pessoas em todas as sociedades do mundo. Salvo em situações bastante especiais, nos textos bíblicos elas não são sequer mencionadas, induzindo o leitor a não imaginar que elas estavam presentes no evento natalício como verdadeiras coadjuvantes. No caso do nascimento mais importante e famoso da humanidade, o de Jesus, esse fato não foi exceção. A quase totalidade das pessoas, sejam cristãs ou não, nem sabem que tem essa dúvida, fazendo daquelas profissionais, verdadeiras ilustres e invisíveis sociais. Com certeza alguém fez o parto do menino Deus naquela humilde estrebaria, pois Maria não teria condições de fazê-lo, afinal ela era a parturiente. Foi José? Talvez, contudo, o mais provável é que alguma parteira da época, uma residente da cidade de Belém, teve o privilégio de trazer ao mundo o filho de Deus e salvador da humanidade. Esquecemos delas, porém ela ou elas, com certeza jamais se esqueceram daquele ato que realizaram.

**Palavras-chave:** Invisibilidade Social. Parteiras. José e Maria. Natal. Jesus.

## ABSTRACT

Midwifery, or rather helping a woman give birth to a child, is a craft as old as human history. The profession of midwife has been carried out for millennia and is a notably feminine activity that has helped to give birth to the majority of people in all societies. Except in very special situations, in the biblical texts they are not even mentioned, leading the reader to not imagine that they were there at the birth event as real supporting actors. In

the case of humanity's most important and famous birth, that of Jesus, this was no exception. Almost all people, whether Christian or not, do not even know they have this doubt, making those professionals truly illustrious social invisibles. Surely, someone delivered the baby Jesus in that humble stable, because Mary would not have been able to do it, after all, she was the woman giving birth. Was it Joseph? Perhaps, but what is more likely is that some midwife of the time, a resident of the city of Bethlehem, had the privilege of bringing the son of God and savior of humanity into the world. One midwife or a group of them, will certainly never forget this act.

**Keywords:** Social Invisibility. Midwives. Joseph and Mary. Christmas. Jesus.

## INTRODUÇÃO

174

Recentemente numa agradável leitura natalina, algo me chamou a atenção. O brilhante e renomado autor da obra mencionou despreziosamente e de forma rápida, uma vez que não era o foco central do tema que tratava, que José, o mais famoso carpinteiro da Bíblia, esposo de Maria e “pai” terreno de Jesus, atuou diretamente no parto mais magnífico na história da humanidade como um verdadeiro parteiro.

Devemos concordar quanto ao natal ser o mais magnífico parto que já existiu, isso sem sombra de dúvidas, afinal, o ilustre menino divino ali recém-nascido era simplesmente Deus e Senhor do universo, o salvador da humanidade. Por outro lado, um verdadeiro “*High Light vermelho*”<sup>2</sup> alertou minha curiosidade histórico-teológica quando o escritor cogitou que “José, aparentemente servindo como parturiente de Maria, faz o parto do bebê e o entregou à sua mãe” (CROWDER, 2007, p. 47).

Não ousou discordar da colocação daquele abençoado autor, mas sim, me arrisco a trazer uma segunda opção de inter-

2 Mais conhecido como giroflex e amplamente utilizado em viaturas policiais e ambulâncias, entre outros.

pretação que talvez possa lançar uma nova luz sobre o tema. Qual seja? Responder a pergunta: quem fez o parto de Jesus? Possivelmente, a esmagadora maioria dos cristãos jamais teve essa dúvida algum dia na vida, confesso que eu inclusive. Aliás, com certeza você nem sabia que tinha essa dúvida, pelo menos não até agora.

Como também mencionou o citado autor com muita propriedade “fico sempre sensibilizado pela simplicidade da descrição do nascimento de Jesus [...] há tanto conteúdo subentendido ali [...]” (CROWDER, 2007, p. 47). Vamos nos aventurar em um deles partindo de um pressuposto racional e até natural - o de que Maria precisou ser assistida por parteiras para dar à luz ao filho de Deus.

É possível que Maria sabia disso. Mesmo sendo tão jovem, ela deve ter acompanhado muitos partos próximos a si, especialmente o de Isabel, sua parente uma vez que ela foi visitá-la quando aquela idosa estava no sexto mês de gravidez e ficou ali com ela por mais três meses. Numa simples conta matemática pode-se chegar a conclusão óbvia que ambas ficaram juntas até Isabel completar os nove meses de gestação, ou seja, até o parto. Quantas lições ela ter aprendido ali, sendo uma delas a necessidade de uma parteira para realizar o seu parto quando chegasse a sua hora.

Parteira em hebraico é *meyalledheth* (DOUGLAS, 1991, p. 1206) que significa “aquela que ajuda a dar à luz”. A parteira ajudava dar à luz, recebendo a criança recém-nascida, cortando o cordão umbilical, lavando o bebê em água, pondo-lhe sal e enfaixando-o (Cf. Ez 16.4). Só então o nascimento da criança era anunciado ao pai (Cf. Jr 20.15). Essa era uma sequência obrigatória de atos que aquelas profissionais realizavam e o carpinteiro José, era apenas o “pai” do bebê, não um profissional da área de nascimentos.

Dessa forma, se não foi José o parteiro, tese que defenderei ser a mais viável historicamente, quem foram então? Por

certo nunca saberemos seus nomes e nem mesmo a quantidade dessas pessoas e se é que existiram, entretanto, suas identidades pessoais não importam muito já que os protagonistas a serem destacados na narrativa bíblica são os integrantes da tão reconhecida sagrada família, expressão cunhada pelo catolicismo romano.<sup>3</sup>

Imaginar José realizando o parto de Maria enquanto ambos estavam a sós no estábulo, ou melhor, a sós não, mas acompanhados por vários animais entre eles tais como vacas, ovelhas e jumentos, foi algo desenvolvido pela criatividade de artistas, muitos sacros por sinal, que usaram e abusaram de suas criatividade e licenças artísticas para criarem tais cenários como é tão representado até hoje nos presépios natalinos.

Desmistificando isso, a proposta literária deste trabalho é tão somente aventar a possibilidade de que uma ou mais parteiras tenham atuado no nascimento de Jesus. Nem que seja pelo puro amor ao bom debate teológico, creio de verdade que vale a pena perscrutar um pouco o assunto. Todavia, é válido lembrar que tudo que se refere a Maria no cristianismo, pode ser alvo de polêmicas infundáveis, o que não é nosso propósito aqui.

Nosso foco estará nas parteiras, não em Maria, até porque como ensinou Douglas: “Não temos condições para forçar o registro dos evangelhos além do seu limite histórico, e isso significa que devemos estar contentes pelo menos em notar a humildade, a obediência e a óbvia devoção de Maria a Jesus [...] como bem disse Isabel, sua parente ‘ela era bendita entre as mulheres’” (DOUGLAS, 1991, p. 1005).

3 Após o Natal celebra a Igreja a Sagrada Família, de Jesus, Maria e José. É uma festa expressiva porque diz respeito à família humana na qual viveu o Filho de Deus, tendo como pais adotivos, Maria e José. A encarnação do Verbo ocorreu num contexto familiar. Assim como Jesus estava sempre no seio do Pai e junto com o Espírito Santo, ele entrou na realidade humana pela família. A família é fundamental para a vida humana e para a salvação. A salvação é sempre dada como iniciativa de Deus, da qual exige a participação humana num contexto familiar, comunitário e social. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-12/sentido-da-sagrada-familia.html>. Acesso em 06 dez. 2023.

O evento natalino possui vários personagens importantes. Diferente de José e Maria, dos anjos cantores bem como dos pastores no campo além dos magos do oriente, junto ao dono da hospedaria lotada, as parteiras não passam de ilustres invisíveis. Invisíveis, pois os evangelistas nada disseram a respeito delas, dando a suposta impressão de que não participaram daquele evento maravilhoso.

Observando as escrituras, nota-se que também não se registrou quais parteiras atuaram no parto de Sara (Gn 17.15) no de Raquel (Gn 30.22-24) ou no de Ana (1Sm 1) muito menos no de Isabel, a parente de Maria (Lc 1.36-40), entretanto elas estavam lá auxiliando na obra de Deus que culminou com o nascimento de filhos que se tornaram grandes líderes do povo (GARDNER, 2005, p. 275). O mesmo deve ter ocorrido no parto de Maria.

Exatamente por isso, são também Ilustres porque, caso tenham participado, foram os primeiros seres humanos a verem com seus próprios olhos e pegar com suas próprias mãos o verbo divino, nosso Jesus encarnado, nosso Natal. Antes até mesmo que Maria e José, antes de Simeão que o reconheceu publicamente e louvou de alegria (Cf. Lc 2.28-32). Que pessoas privilegiadas!

## **I. PARTEJAR É UMA ARTE, E ANTIGA**

A história antiga da humanidade por si só já comprova algumas coisas interessantes. Primeiro é que a atividade típica de parteiras é muito antiga, na verdade remontando aos primórdios das civilizações. Segundo e tão interessante quanto é que essa atividade, até por conta do pudor social, em regra sempre foi realizada por mulheres.

Conforme documentos arquivados no acervo do museu da parteira, essa atividade tipicamente feminina vem de longe:

A arte de partejar é uma atividade que acompanha a história da própria humanidade. Por

muitos milênios foi considerada uma atividade eminentemente feminina, tradicionalmente realizada pelas parteiras, que também cuidavam do corpo feminino e dos recém-nascidos. As parteiras eram depositárias de um saber popular [...]. Portanto, durante muito tempo, as mulheres em trabalho de parto eram ajudadas por outras mulheres, que podiam ser do seu ambiente mais próximo (parentes, vizinhas ou amigas), ou mulheres reconhecidas pela sua experiência ou competência para tal acompanhamento – as parteiras.<sup>4</sup>

Esse ofício foi ganhando reconhecimento ao longo dos séculos tanto que no Brasil existe até um dia próprio para se homenagear essas verdadeiras “profissionais”<sup>5</sup> leigas.<sup>6</sup> Leigas pois seus conhecimentos não vieram de alguma formação acadêmica, mas sim da prática:

Os saberes são reproduzidos na prática, cada parteira tem um modo subjetivo de aplicar os conhecimentos. Técnicas próprias de cortes de umbigo, formas de endireitar a criança no ventre, colocar no lugar certo para nascer e como posicionar a mulher para o parto são questões integradas à prática e à cultura e variam ao longo do tempo.

- 
- 4 OLIVEIRA, Rônison de Souza de; PERALTA, Nelissa; SOUSA, Marília de Jesus Silva e. As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) [online]. 2019, n. 33. Disponível em <https://bvmsms.saude.gov.br>. Acesso em 06 dez. 2023.
  - 5 Existe a profissão de enfermeira obstétrica - JORGE (1975) aponta que o primeiro curso de parteiras foi criado no Brasil em 1832, com a implantação das faculdades de medicina. Até então, não havia parteiras diplomadas e as mulheres que atendiam às parturientes recebiam uma autorização legal para exercer a obstetria. O ensino formal de enfermagem, por sua vez, surge no Brasil em 1890, tomando impulso no século atual, a partir da década de 20. Com a reforma universitária de 1968, e depois de muitos anos de aproximações e distanciamentos acadêmicos e legais, as duas profissões foram fundidas, com a absorção da obstetria pela enfermagem, emergente enquanto profissão universitária. Com o currículo implantado em 1972, e que vigorou até 1994, a graduação da obstetria foi extinta e as modalidades de formação passaram a ser a habilitação e a especialização em enfermagem obstétrica, cursadas pelo enfermeiro já graduado. Na atualidade, a especialização se mantém como a única via para qualificação na área. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-11691998000200003>. Acesso em 11 dez. 2023.
  - 6 O Dia da Parteira Tradicional foi instituído por meio da **Lei nº 13.100/2015** e tem como base a comemoração celebrada no estado do Amapá, que já homenageava a categoria em 20 de janeiro – dia do aniversário da parteira tradicional mais antiga de Macapá, Juliana Magave de Souza, nascida em 1908 e que teria realizado cerca de 400 partos.

Por estar o nascimento associado à família a toda afetividade que esse ato atrai, mulheres figuram com as partes essenciais para tal realização. Os rituais que cercam o nascimento modificaram-se ao longo do tempo, em virtude de influências significativas do avanço da ciência. O nascimento já foi parte do cotidiano das famílias. Acompanhado por mulheres parteiras no domicílio e marcado por grande envolvimento afetivo, permitia que a natureza agisse sem interferências.<sup>7</sup> Até por esse vínculo familiar, afetivo e profético, o parto de Jesus tinha um lugar certo para acontecer.

## 2. JESUS TINHA QUE NASCER EM BELÉM

Conforme estava profetizado amplamente nos textos do Antigo Testamento, Jesus, para ser o verdadeiro Messias, deveria nascer em Belém<sup>8</sup>, pois essa era a linhagem necessária para ser considerado rei. Não poderia ser em outro lugar, apenas em Belém. José era da tribo de Judá e Maria possivelmente também.

Gardner afirma que Maria era descendente do rei Davi. Muitos eruditos argumentam que a genealogia de Lucas 3.23-37 é dela e a de Mateus 1.1-16 é de José. É claro, portanto, que Jesus era descendente de Davi e herdeiro legítimo ao trono (GARDNER, 2005, p. 435).

O anjo declarou aos pastores *“Não temais; eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”* (Cf. Lc 2.11).

Tinha que ser em Belém, pois conforme as profecias citavam, o Messias nasceria da linhagem do segundo monarca do reino unificado de Israel. Outra coisa, Jesus tinha que nascer

7 Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/hMBfW8LZthmhn4yX4HVPPcq/>. Acesso em 07 dez. 2023.

8 A despeito da origem do nome, em homenagem a um deus pagão, Beit Lehem, em hebraico, significa “Casa do Pão”. Bem apropriado para ser o berço daquele que, mais tarde, veio a ser conhecido como o “Pão da Vida”. Disponível em <https://www.gospelpm.com.br/belem-conheca-um-pouco-mais-sobre-a-cidade-de-davi/>. Acesso em 07 dez. 2023.

de uma virgem, uma indiscutível virgem. Isaias havia profetizado séculos antes que “Sabei que o Eterno, o Senhor, ele mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o nome dele será Emanuel, Deus conosco!” (Cf. Is 7.14). Uma residente de Nazaré foi a feliz escolhida.

### 3. MARIA ERA JOVEM E VIRGEM

Não é exagero afirmar que Maria necessitava e muito de uma ou mais parteiras quando as dores de parto se intensificaram assim que acabaram de chegar à Belém para realizarem o recenseamento. O médico Lucas registrou isso em seu evangelho (Cf. Lc 2.6). A julgar pela tenra idade, pela virgindade reconhecida e lógico, pela inexperiência de vida, Maria não seria capaz de dar à luz o seu filho por conta própria.

Até mesmo fisiologicamente seu corpo não tinha “*expertise*” para tal, coisa que qualquer mãe de “primeira viagem” teme e reconhece muito bem. Ela necessitava ser assistida por alguém que entendesse do ofício.

Para historiadores sérios<sup>9</sup>, há indícios que permitem acreditar que Maria teria se tornado esposa de José ainda adolescente, como era praxe entre famílias judaicas daquela época. “Segundo a literatura apócrifa, ela teria sido apresentada a José aos 14 anos de idade”. Algumas chegavam a ser apresentadas a seus futuros maridos a partir dos 12 anos de idade. Sendo assim, Maria, como qualquer outra moça da época, pode ter se casado com 14 ou 15 anos, no máximo”.<sup>10</sup>

9 Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-62523987#:~:text=%22Mas%20alguns%20estudiosos%20apontam%20que,com%20cerca%20de%2058%20anos.%22>. Acesso em 07 dez. 2023.

10 Pesquisadora de história do catolicismo na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, a vaticanista Mirticeli Medeiros concorda que “as fontes sobre ‘Maria histórica’ são bem escassas”. “Além do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, juntamente com a literatura apócrifa, já que o Protoevangelho de Tiago, e o Protoevangelho de Bartolomeu são alguns exemplos, não há nenhuma outra fonte que descreva sua trajetória, do ponto de vista histórico”, salienta ela. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades>. Acesso em 07 dez. 2023.

Isso não deve espantar. Essa ideia de que Maria foi prometida a José muito nova é compatível com a tradição. E isso nos permite supor que ela teria nascido por volta do ano 18 a.C. Pesquisas mais contemporâneas, vale ressaltar, costumam situar o nascimento de Jesus como algo ocorrido por volta do ano 4 a.C. — e não, como era de se supor, no ano 0.<sup>11</sup>

E mais, do ponto de vista modelar dos casamentos mediterrâneos, a jovem conhecia o futuro esposo no dia do casamento. A ideia de namorar inexistia. Essas meninas viviam junto à família e, portanto, só iriam conhecer o marido muitas vezes na cerimônia. “O matrimônio era uma relação de acordo entre as famílias”, diz o historiador.

Outro fator que ajuda a confirmar essa possibilidade é que Maria também era da casa de Davi e provavelmente tinha a obrigação de ser recenseada. Na Síria, província romana em que a Palestina se localizava, as mulheres de 12 anos para cima deviam pagar um imposto individual e para isso tinham de ser recenseadas (Bíblia de estudo NVI, 2003, p. 1725). Ela tinha um noivo, por enquanto.

## 4. JOSÉ ERA HOMEM E NOIVO, NÃO ESPOSO

Vale lembrar aqui que José ainda não era esposo de Maria conforme o evangelista Lucas afirmou: “Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho” (Cf. Lc 2.5). Eles não consumaram o casamento até o nascimento de Jesus (Mt 1.25). Portanto, tecnicamente, eles ainda estavam noivos (MACARTHUR, 2010, p. 1323). Como se diz tecnicamente, eram casados de direito, mas não de fato.

Naquele tempo os casamentos judaicos eram celebrados em dois momentos distintos – primeiro a mulher e o homem

11 Thiago Maerki, pesquisador da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e associado da Hagiography Society, dos Estados Unidos. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades>. Acesso em 07 dez. 2023.

firmavam um compromisso, algo como o noivado que conhecemos, e como tal não dava direito aos nubentes a viverem juntos literalmente como um casal.

Somente depois de algum tempo eles celebravam a cerimônia que oficializava a relação e lhes garantia por exemplo, o direito de desfrutarem de intimidade sexual e é claro, de terem filhos. Até aquele momento, a mulher se mantinha imprescindivelmente, virgem.

Assim sendo, antes do casamento propriamente dito, o homem não poderia ver a nudez de sua mulher e muito menos tocar em suas partes íntimas, coisas que certamente a realização de um parto natural exigiam. A lei dos hebreus continha certos graus proibidos de casamento e de relações sexuais (Cf. Lv 18.6-18). A título de exemplo, ao israelita era proibido “descobrir a nudez” da sua noiva, como era o caso de Maria (COENEN; BROW, 2000, p. 295).

Aliás, numa cultura essencialmente religiosa quanto a que eles viviam, o simples pudor pessoal e social seria suficiente para deduzirmos isso. Cody Archer foi direto ao ponto quanto àquele celeuma milenar e afirmou:

Antes da queda a nudez do homem era boa, pura e sem motivo de vergonha. Depois da queda, ela é vista em toda a palavra de Deus como algo vergonhoso que precisa ser coberto. A palavra mais usada para nudez é: הוֹרֵעַ – *ervah* – referindo-se à “impureza” de expor nossa genitália, contato sexual com parceiros proibidos e toda a vergonha que acompanha nosso comportamento pecaminoso.

Embora o contexto e o significado da nudez em toda a Bíblia (mencionada mais de 40 vezes) possam variar, o ponto reiterado é que tanto a nudez física quanto a espiritual são vergonhosas. A questão é: quem tem permissão para ver nosso corpo nu? O único lugar em que a nudez é moralmente correta de acordo com a palavra de

Deus é no contexto de um casamento entre um homem e uma mulher.<sup>12</sup>

O que fica claro então é que só algumas mulheres poderiam ter acesso a intimidade e nudez de outra mulher e em situações muito especiais, como no caso em questão, as parteiras. Em meio a enorme aglomeração de pessoas em Belém, elas também estavam pelas redondezas, bastava serem convocadas para exercerem seu ofício com eficiência como sempre faziam.

Gabriela Amorim afirma que “O ofício de parteira é dos mais antigos da humanidade. Em toda comunidade tradicional, em qualquer lugar do mundo, existe a parteira”. Até bem pouco atrás, as mãos que recebiam todas as crianças que chegavam ao mundo eram quase sempre femininas.<sup>13</sup> Aliás, todo parto de uma forma ou de outra gera comoção nas pessoas.

## **5. HOUE COMPAIXÃO DO DONO DA HOSPEDARIA QUANTO A HOSPEDAGEM, POR QUE NÃO QUANTO AO PARTO?**

Não podemos deixar de observar que Maria e José moravam em Nazaré, cidade localizada no norte da Palestina e precisavam se recensear em Belém, cidade que fica no sul. Como ela estava grávida, contando com nove meses de gestação e completando as semanas para o parto, uma viagem longa e difícil daquelas não estaria nos planos do casal.

O meio de transporte era a pé ou montados em jumento. Nem dá para deduzir qual dos dois meios era mais desconfortável para uma quase parturiente. Para piorar as coisas, a distância entre as duas cidades era de aproximadamente 128 quilômetros, criando assim um trajeto que para uma pessoa em perfeita disposição física percorrer demoraria dias, imagine para uma grávida.

12 Disponível em <https://revistaimpacto.com.br/vergonha-da-nudez/>. Acesso em 08 dez. 2023.

13 Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/08/trabalho-das-parteias-tradicionais-resiste-ao-tempo-e-a-medicalizacao-do-parto>. Acesso em 07 dez. 2023.

Por certo, o piedoso casal conhecia e bem das profecias messiânicas. Sabiam que Isaías profetizou que Jesus Cristo viria como um bebê, aliás, Jesus seria chamado por vários nomes (Cf. Is 9.6). Conheciam também que Miquéias profetizou que Jesus viria ao mundo em Belém (Cf. Mq 5.2). Aliás eles aprenderam isso com seus mestres, afinal, os escribas sabiam que, segundo a profecia, o Messias nasceria em Belém (Cf. Mt 2.4-6).

Não obstante e como é de se esperar, as dificuldades da gestação trouxeram com elas algumas peculiaridades as quais toda gestante sente na pele. Por exemplo:

O período da gestação é marcado por inúmeras alterações no corpo da mulher. Além das diferenças físicas e no organismo, as mudanças de humor na gravidez também são bastante comuns e frequentes. Durante a gestação, o corpo feminino precisa lidar com uma série de alterações, que fazem com que as mulheres sintam oscilações de diversas naturezas. Irritação, alegria, ansiedade, tristeza, euforia... essas são apenas algumas emoções vividas pelas mulheres durante a gestação. E não são raros os relatos de grávidas que afirmam sentir todos, ou pelo menos alguns desses sentimentos de uma só vez. As mudanças vivenciadas podem estar relacionadas às alterações hormonais.<sup>14</sup>

Associado a isso, a viagem além de longa e penosa era realizada por terreno montanhoso – uma viagem particularmente difícil para Maria, prestes a dar à luz (MACARTHUR, 2010, p. 1323).

Só um motivo de força maior, ou naquele caso um milagre, os faria seguir em tal viagem com tantas adversidades. Assim como afirmou Growder, o milagre aconteceu: “somente um decreto do imperador faria uma mulher, quase dando à luz, viajar mais de 128 km na garupa de um burro (Lucas 2.4-5)!” (GROWDER, 2007, p. 46). No entanto, e se fosse a pé?

14 Disponível em <https://viverbem.unimedbh.com.br/maternidade/mudancas-de-humor-na-gravidez/>. Acesso em 07 dez. 2023.

Bom, num cenário perfeito (quase utópico), incluindo boa condição física, piso plano e roupas e calçados adequados, se uma pessoa caminhar 8 horas por dia, o que é o mais suportável de se fazer, ela percorrerá 5 km/hora, ou seja, ela vai fazer 40 km/dia.<sup>15</sup> Uma pessoa em boas condições possivelmente faria aquele trajeto todo em 3 dias (Bíblia de estudo NVI, 2003, p. 1725). Agora tente adequar isso a uma grávida de 39 a 40 semanas, período considerado como “termo pleno” para um parto acontecer.<sup>16</sup> Certamente os dias de caminhada se multiplicaram, e muito.

Outro fator interessante a ser considerado é o climático. Numa região desértica como aquela, é sabido que o clima é extremo e intenso. Tanto o calor de dia, quanto o frio a noite, castigam muito os viajantes. Os dois corajosos, mas acima de tudo Maria, chegaram absolutamente exaustos em Belém. Por motivos óbvios, chegaram bem depois das demais pessoas que migraram para o mesmo lugar.

Naturalmente que ao procurarem uma hospedaria para terem o mínimo conforto e descansarem da longa viagem, não encontrariam vaga. Estava tudo ocupado pelos peregrinos que tinham vindo para o censo. Entretanto, um parto natural não é algo que dá para protelar. Havia chegado a hora do bebê nascer e não havia lugar para eles na hospedaria (cf. Lc 2.7).

Aquela cena deve ter gerado muita comoção nos hóspedes, afinal uma jovem grávida que viajava a dias e ali diante de todos mostrava sinais desconfortantes e dolorosos de contrações contínuas, mexeria com o coração de qualquer pessoa, especialmente levando-se em conta a ligação familiar de todos ali em Belém, a propósito, foi exatamente por isso que José e Maria foram para lá a fim de se recadastrarem. Era sua cidade ancestral (DAVIDSON, 1953, p. 1031).

15 Disponível em <https://pt.quora.com/Quanto-tempo-mais-ou-menos-se-leva-para-percorrer-400-km-a-p%C3%A9#bohjo>. Acesso em 07 de dez. 2023.

16 Disponível em [https://jornal.usp.br/ciencias/idade-gestacional-pesquisa-mostra-como-cada-dia-na-barriga-impacta-no-desenvolvimento-do-bebe/#:~:text=A%20literatura%20considera%20que%20a,\(41%20a%2042%20semanas\)](https://jornal.usp.br/ciencias/idade-gestacional-pesquisa-mostra-como-cada-dia-na-barriga-impacta-no-desenvolvimento-do-bebe/#:~:text=A%20literatura%20considera%20que%20a,(41%20a%2042%20semanas)). Acesso em 07 de dez. 2023.

Estando lá, naquela mesma hora alguém entrou em cena, outro ilustre desconhecido. O dono da estalagem agiu acima e além de seu dever. Ele ou ela se importaram o suficiente para providenciar uma acomodação para Maria e José no estábulo (GROWDER, 2007, p. 46). Vamos supor doravante que se tratava de um homem.

Possivelmente às pressas e movido por compaixão, o dono da hospedaria “ajeitou” um lugar para eles se abrigarem. Era um recinto ocupado por animais, porém deve ter sido limpo adequadamente para que ali se realizasse um parto. O suposto local ficou eternizado quando nos primeiros séculos da era cristã o imperador Constantino ergueu a Igreja da Natividade<sup>17</sup> no lugar onde possivelmente ficava o estábulo que serviu de maternidade improvisada a Maria para que desse à luz a Jesus.

Agora algo mais interessante deve chamar nossa atenção. Se o dono da hospedaria se comoveu ao ponto de adaptar um lugar para eles ficarem com privacidade e conforto mínimos para ali Maria dar à luz seu filho, não teria também buscado parteiras para realizarem tal ato? Esse era o hábito comum e não havia razão para ser exceção.

As parteiras hebreias existiam há anos. A primeira vez que apareceu a palavra parteira, na Bíblia foi em Gênesis 13.14. Inclusive são chamadas pelos nomes Sifrá e Puá, mulheres a quem o Faraó, rei do Egito, ordenou que matassem todos os meninos que nascessem dos israelitas. Elas viveram em torno de 1570 a.C. Todavia, as parteiras tinham o compromisso de ajudar os bebês a nascer, e não de matá-los. A preservação da vida sempre foi fundamental a um judeu.

Ademais, teria o dono da hospedaria deixado a jovem grávida com seu noivo sozinhos naquele lugar sem a mínima ajuda arriscando a vida da parturiente e do recém-nascido? Certamen-

17 A **Igreja da Natividade**, localizada em Belém, é a mais antiga igreja em atividade no mundo. Foi encomendada no ano 327 pelo imperador Constantino I e sua mãe Santa Helena, e construída sobre o local em que Jesus nasceu. Disponível em <https://mundovastomundo.com.br/jerusalem/igreja-da-natividade/>. Acesso em 09 dez. 2023.

te essa hipótese levantada é absolutamente improvável – o comerciante não agiria assim numa cultura judaica. A propósito, nem casados efetivamente aqueles dois eram, e José certamente o teria alertado disso.

Além do mais, José e Maria eram inexperientes demais para conseguirem realizar um parto sozinhos e sem a ajuda de terceiros. Ele era carpinteiro e ela uma jovem dona de casa que até então não havia tido filhos. Aquele parto era do seu primogênito (primeiro gerado), como o texto bíblico faz questão de frisar.

Dinheiro para pagar pelo parto possivelmente eles tinham, afinal, procuraram uma hospedaria assim que lá chegaram. Na verdade, só faltava alguém disposto para buscar as pessoas certas para realizarem tal ato nobre. O dono da hospedaria era um comerciante e residente local, por certo conhecia muito bem quem realizava aquele ofício ali em Belém, logo, ou ele foi buscar essas pessoas ou enviou alguém para fazê-lo. Lembrando que naquelas comunidades antigas, a população era reduzida e viviam todos muito próximos uns dos outros.

Tudo resolvido. O local foi gentilmente cedido e cuidadosamente preparado, as profissionais adequadas foram chamadas e compareceram à estrebaria. Maria foi acalmada, cuidada e assistida. Depois de tudo aquilo o parto foi realizado e só então Cristo, o filho do Deus vivo, foi apresentado à humanidade. Esse é o nosso natal. As parteiras realizaram mais um trabalho com sucesso.

O que aconteceu depois? Bem, os evangelistas se encarregaram de contar com riqueza de detalhes, mas isso é outra história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não passemos muito da superfície do assunto, até porque creio não ser necessário aprofundar mais, a algumas conclusões pudemos chegar. Por estas singelas palavras conti-

das nesse trabalho, é possível inferir e até afirmar com boa chance de acerto que parteiras realizaram o parto de Maria trazendo ao mundo o menino Deus – Jesus. Embora o assunto esteja reservado às entrelinhas do texto bíblico narrado nos evangelhos, notadamente em Mateus e Lucas, uma rápida pesquisa histórico-teológica ajudou a fundamentar tal afirmação.

De fato, o ofício das parteiras é tão antigo e importante quanto discreto. Pouco ou nada se menciona a respeito delas quando se aborda a biografia de alguém, especialmente nas Escrituras Sagradas. Isso talvez pelo fato de ter sido uma atividade tão comum naquelas sociedades, que sequer se lembravam de mencioná-las, até porque o importante para elas era o que faziam, não suas identidades. Hoje em dia, pouco ou nada mudou quanto a isso. Acredite, elas ainda existem e são muitas mundo a fora.

Quanto a invisibilidade social, possivelmente seja o mesmo que acontece com diversas outras profissões comuns e necessárias que por tanto serem assim, os beneficiários do serviço por eles prestados não os notam como ocorre por exemplo com os engenheiros, porteiros, com os garis e faxineiros bem como com os cozinheiros ou policiais entre tantos outros.

Toda profissão humana lícita é abençoada por Deus e tem seu papel fundamental na sociedade organizada. Deus ama o trabalho e reconhece o trabalhador. Porém, como esse trabalho procurou demonstrar, apenas um ofício teve o privilégio de atuar diretamente no nascimento de Jesus – o exercido pelas parteiras. É um serviço divino trazer vidas ao mundo.

Como disse Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores, certa vez, “Jesus enobrece a rotina do trabalho aqui na terra e lança luz sobre as humildes ocupações. Uma oficina, um celeiro, uma área de serviço e uma ferraria se tornam templos quando homens e mulheres fazem tudo para a glória de Deus! O “serviço divino”, não é algo de algumas horas e em alguns lugares, mas toda a vida se torna santidade ao Senhor, e todos os lugares consagrados” (SPURGEON, 2016, p. 703).

Que esse singelo trabalho sirva pelo menos como forma de reconhecimento a essas profissionais de hoje e as de outrora, pois o seu papel no mundo é glorioso demais. Por certo, todo ser humano na face da terra nasceu de uma mãe, e boa parte deles, por intermédio de uma parteira. A elas uma sincera gratidão até porque, também esse autor teve o privilégio de vir ao mundo pelas mãos hábeis de uma destas ilustres desconhecidas.

Parafrazeando Salomão, o mais sábio rei de Israel, cabe aqui uma palavra final a estas maravilhosas profissionais, mesmo que invisíveis aos homens não as são para Deus. O Sábio afirmou: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras” (SPURGEON, 2016, p. 696).

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA DE ESTUDO NVI.** São Paulo: Vida, 2003.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2000.

CROWDER, Bill. **Janelas do Natal.** Curitiba: RBC, 2007.

DAVIDSON, F. **O Novo Comentário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1953.

DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1991.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada.** São Paulo: Vida, 2005.

MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo Macarthur.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

SPURGEON, Charles Haddon. **Dia a dia com Spurgeon – manhã e noite: meditações diárias.** Curitiba: Pão Diário, 2016.